

Paisagem e Itinerários Turísticos na Serra do Espinhaço Meridional – Eixo Ipoema-Itambé do Mato Dentro, Minas Gerais

Landscape and Touristic Itineraries Throughout Serra do Espinhaço Range – Route Ipoema- Itambé do Mato Dentro, Minas Gerais

Marina Araújo¹

Mariana de Oliveira Lacerda²

Resumo

O objetivo desse artigo é apresentar as características concretas e subjetivas, físicas e culturais, identificadas na paisagem ao longo da estrada que liga o distrito de Ipoema-MG ao município de Itambé do Mato Dentro-MG, passando pelo distrito de Senhora do Carmo, e os pontos de observação definidos ao longo desse itinerário turístico, bem como as possibilidades de leitura e interpretação da paisagem nos mesmos.

Palavras-chave: viagens; estrada; paisagem.

Abstract

This article's purpose's to show the concretes and subjectives, fisics and cultural's landscape's characteristics identified along of the road that connect the Ipoema-MG's district and the Itambé do Mato Dentro's city, cross the Senhora do Carmo-MG's district, and the observations places fixed along this touristic route, and also the possibilities of landscapes' reading and interpretation at this ones.

Keywords: travels; road; landscape.

1. Introdução

O turismo pode ser entendido como um fenômeno social e espacial, como uma prática voluntária e coletiva, para o qual o sujeito é o elemento mais importante, pois é ele quem viaja, desencadeando uma infinidade de interações de ordem cultural, econômica, social e ambiental não só nas comunidades receptoras, mas também nas

¹ Graduada em Turismo pela UFMG. E-mail: amarinaaraujo@uol.com.br

² Professora do Curso de Turismo da UFMG. E-mail: mirilacerda@terra.com.br

localidades existentes ao longo dos itinerários turísticos. No entanto, percebe-se que na atualidade, na maioria das vezes, pouca ou quase nenhuma atenção é dada aos percursos de viagem. E, ao se preocuparem somente com a localidade a ser visitada, os turistas simplesmente passam pelo trajeto escolhido, sem vivenciá-lo, o que pode limitar sua experiência turística, uma vez que as interações expostas anteriormente podem ser superficiais ou, até mesmo, inexistentes.

Nesse sentido, a paisagem pode ser concebida como um instrumento de valorização da experiência turística, pois através de sua observação e leitura pode contribuir para uma maior contextualização e conhecimento dos percursos de viagem. Ao provocar a observação da paisagem e dos elementos que a compõe, a atividade turística pode estimular uma mudança na percepção dos visitantes do seu entorno e, conseqüentemente, na própria concepção do viajar para esses sujeitos. Assim, seria possível atribuir maior sentido às viagens, que passariam a ser revestidas do desejo de fazer descobertas e de aprender coisas novas, possibilitando o desenvolvimento pessoal e social, crítico e criativo dos atores nela envolvidos.

Ler e interpretar a paisagem de um determinado lugar significa refletir sobre as diversas relações entre os homens e a terra (afetivas, espaciais, territoriais, econômicas, dentre outras), relações estas que resultam nas mais diferentes feições da paisagem. Concorde-se com Lefébvre (1976, p.25) quando afirma que o espaço “*desempenha um papel ou uma função decisiva na estruturação de uma totalidade, de uma lógica de um sistema*”. Ele é o local da reprodução das relações sociais de produção, ou seja, de reprodução da própria sociedade. Uma sociedade só se torna concreta através de seu espaço, do espaço que ela própria produziu, da mesma forma que o espaço só é inteligível através de uma sociedade (SANTOS, 1997).

Nesse sentido, Tuan (1983) argumenta que há vários tipos de espaços, um espaço pessoal, outro grupal, onde é vivida a experiência do outro, do espaço vivido e da relação afetiva com esse espaço. Trata-se, portanto, de uma concepção bastante subjetiva, porque centrada na percepção e vivência de cada sujeito: “*o espaço vivido é uma experiência contínua, egocêntrica e social, um espaço de movimento e um espaço-tempo vivido, que se refere ao afetivo, ao mágico, ao imaginário*” (HOLZER, 1992, p.440).

Acredita-se, assim, que o lugar é também um campo de representações simbólicas que traduzem através da paisagem o projeto vital de toda a sociedade, além de suas aspirações, crenças e o mais íntimo de sua cultura (ISNARD, 1982). Nesse sentido, quando se afirma a interligação entre turismo e paisagem, acredita-se que, ao ler e interpretar o que observa ao

longo dos itinerários e nos destinos turísticos, "*o viajante se enriquece acumulando experiências: enche os olhos com as paisagens e aquece sua experiência com o modus vivendi local dos seus habitantes*" (LACERDA, 2005, p.18). Trabalhar a leitura da paisagem como instrumento de valorização da experiência turística envolve uma possibilidade de troca, de conhecimento a partir da incorporação da cultura do outro e do entendimento das relações entre lugar e comunidade local: os sentimentos, as relações sociais e de poder existentes entre eles.

A paisagem é aqui entendida, portanto, como o resultado de matrizes culturais acumuladas ao longo do tempo (CORRÊA, 2001). Ela é a materialidade da cultura no espaço geográfico uma vez que esses dois elementos originam-se, difundem-se e evoluem juntos no tempo, um influenciando o outro. Como expõe Santos (1997, p.64),

A produção do espaço é resultado da ação dos homens agindo sobre o próprio espaço, através dos objetos, naturais e artificiais. Cada tipo de paisagem é a reprodução de níveis diferentes de forças produtivas, materiais e imateriais, pois o conhecimento também faz parte do rol das forças produtivas.

Assim, o espaço é local de expressão das relações sociais de produção, que se tornam concretas numa base territorial historicamente determinada, de forma que essas formas sociais de expressão constituem uma linguagem particular desses modos de produção (CORRÊA, 1995). Segundo esse mesmo autor, seria difícil falar de sociedade e espaço separadamente, uma vez que essas só se tornam concretas através da sociedade.

Dessa forma,

A paisagem deve ser pensada paralelamente às condições políticas, econômicas e também culturais. Desvendar essa dinâmica social é fundamental, as paisagens nos restituem todo um cabedal histórico de técnicas, cuja era revela; mas não mostra todos os dados, que nem sempre são visíveis" (SANTOS, 1997, p.69).

Ela é portadora de diversos saberes acumulados e perpetuados ao longo das gerações. E esses saberes, por vezes, não estão nítidos na paisagem; eles se apresentam através de signos, cabendo ao observador decodificá-los para que possa, efetivamente, ler e compreender o significado de cada elemento grafado no espaço. A respeito dessas geografias, Santos (1997, p.61) expõe que "*tanto a paisagem quanto o espaço resultam de movimentos superficiais e de*

fundo da sociedade, uma realidade de funcionamento unitário, um mosaico de relações, de formas, funções e sentidos”.

Entende-se, portanto, a paisagem subjetiva e objetiva, ao mesmo tempo. É objetiva por seus aspectos concretos, representados pelo natural, geomorfológico e pelas construções antrópicas no espaço. Assim, a paisagem concreta é fundamentada no conhecimento científico e imparcial, descrita por seus componentes estruturadores, físicos, geográficos e antrópicos. E se revela, ao mesmo tempo, como um mosaico de tempos e de culturas escritos uns sobre os outros. Adquire sua tangibilidade por ser construída pelas práticas sociais que adquirem formas visíveis na superfície da terra e revelam uma sobreposição de culturas, modos de vida e valores diversos de uma determinada localidade (LUGINBÜHL, 1996). As intervenções urbanas, por exemplo, criam uma paisagem que pode ser capaz de construir, reerguer e revelar uma identidade, ou uma imagem forte do lugar habitado. *“A paisagem é, então, um dos aspectos da consciência coletiva de um território”* (ARVIEUX, 2001, p.25).

Dessa forma, a contribuição maior para o entendimento da paisagem de um lugar certamente vem da comunidade; da população que, por suas experiências e sua cultura terrena, é produtora de uma informação mais aprofundada, porque é baseada em vivências coletivas. Ao mesmo tempo, essa coletividade na construção e apreensão da paisagem é interceptada pelo olhar individual do observador.

A leitura que ele faz da paisagem ocorre através da percepção do ambiente que, por ter uma base eminentemente cultural, faz da sua compreensão um processo complexo, individual e subjetivo, pois é baseado nas suas experiências e cultura. Para os homens, é difícil perceber e entender plenamente uma coisa (TUAN, 1983), sua percepção se dá pela observação de uma – ou algumas – das faces da paisagem, para depois, pelo seu pensamento, construir uma imagem da totalidade que ela representa. Os sentidos humanos delimitam sua percepção, ao mesmo tempo que ela também é condicionada pelos valores morais de cada sujeito.

“Ler a paisagem é muito mais complexo do que ver e perceber a paisagem. Envolve uma visão de mundo, consciente e inconsciente, sempre subjetiva e permeada pelo imaginário” (RODRIGUES, 1999, p.47). É necessário, portanto, estimular uma leitura mais aprofundada e completa da paisagem, pois embora ela seja facilmente acessível pelos sentidos humanos (principalmente a visão), possui toda uma lógica de identificação e compreensão. Assim, ela não se apresenta ao observador apenas através de formas estáticas e definidas, mas com

formas mutáveis e plenas de sentido, que extrapolam a visão do eu no espaço, alcançando significados mais profundos presentes no imaginário construído coletivamente.

As viagens são capazes de revelar, ainda que parcialmente, as feições sociais, culturais, naturais e históricas que a paisagem possui. Nesse processo, a atividade turística assume o papel de mediadora de um processo comunicativo - entre o nativo, responsável pelas grafias no espaço e, portanto, emissor de uma mensagem e o visitante/observador, receptor da mesma, sendo capaz de provocar a aproximação entre a vida local, representada pela paisagem cultural, e o visitante.

Dessa forma, a proposta central dessa pesquisa foi estudar os diversos aspectos naturais e culturais, antigos e recentes, que compõem a atual paisagem da região dos distritos de Ipoema e Senhora do Carmo (pertencentes ao município de Itabira-MG) e do município de Itambé do Mato Dentro-MG. A partir da identificação dos vários significados dessa paisagem e com o objetivo de se estimular a aproximação dos visitantes ao modo de vida local, concebeu-se pontos de observação da paisagem ao longo da estrada que liga essas localidades, acreditando-se que, posteriormente, essa rota de visitação pudesse fazer parte da oferta turística das mesmas.

Nesse sentido, o objetivo desse artigo é apresentar as características concretas e subjetivas, físicas e culturais, identificadas na paisagem ao longo da estrada que liga Ipoema a Itambé do Mato Dentro, passando por Senhora do Carmo, e os pontos de observação definidos ao longo desse itinerário turístico, bem como as possibilidades de leitura e interpretação da paisagem nos mesmos.

Este estudo da paisagem foi feito através da observação participante, por meio da qual foi possível obter diversas informações a respeito da realidade cotidiana local, passada e recente, a partir do contato direto das pesquisadoras com a comunidade local (CHIZZOTTI, 2001). Trata-se de um dos métodos da pesquisa qualitativa fenomenológica, na qual não se preocupa nem subsidiariamente das causas nem das conseqüências da existência dos fenômenos sociais, mas das características deles, uma vez que sua função principal é descrevê-los (TRIVIÑOS, 1995). Segundo esse autor, uma das principais características desse tipo de pesquisa qualitativa é que ela tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e os pesquisadores como elemento chave.

Durante esse estudo percorreu-se diversas vezes a estrada que corta a área de estudos com o objetivo de ler e interpretar a paisagem ao longo do trecho com os moradores locais. Algumas

fazendas localizadas próximas à estrada foram visitadas no intuito de conhecer a realidade de vida dos atores locais e, sobretudo, para conseguir o auxílio dos mesmos na adequada leitura e interpretação da paisagem nas proximidades de sua propriedade.

Buscou-se, assim, a identificação das características biofísicas e dos aspectos subjetivos que compõem a paisagem local, tanto a partir da perspectiva dos atores locais, como das próprias pesquisadoras, com os seus pontos de vista e conhecimentos a respeito dos eventos históricos e geomorfológicos locais, adquiridos na fase de pesquisa de gabinete, através do estudo das cartas topográfica, geológica, hidrográfica, rodoviária, de vegetação e uso do solo e do levantamento do histórico da região.

Com o objetivo de melhor compreender a história local através de suas geografias passadas e atuais, as características concretas e subjetivas da paisagem local foram organizadas em sete temas denominados “signos da paisagem”, como mostra a Figura 01.

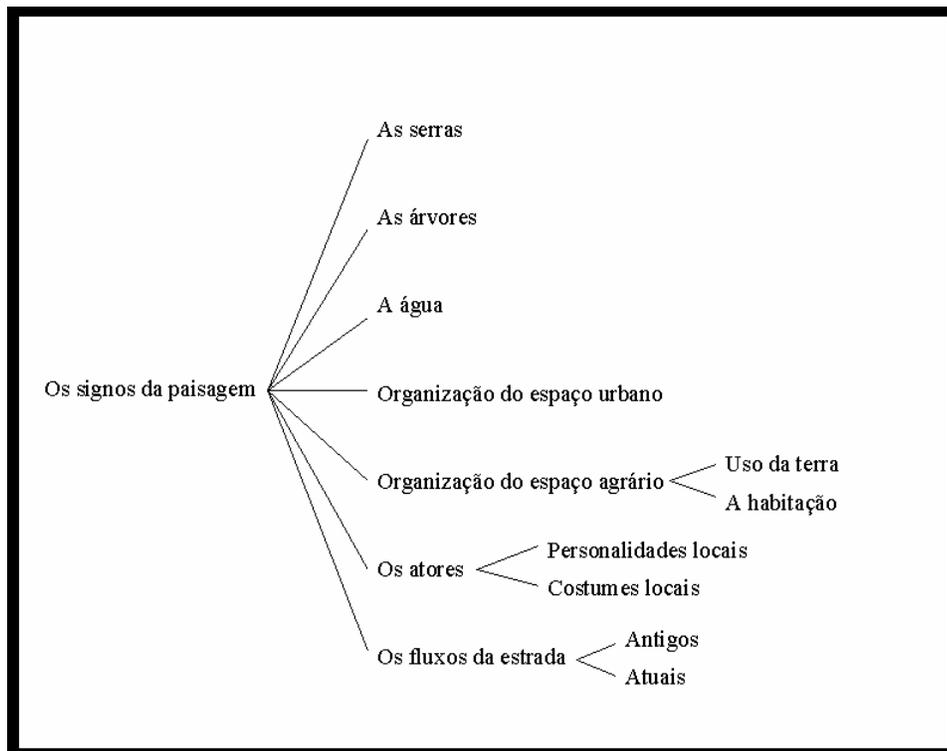


Figura 01- Organização dos signos da paisagem local

Essa organização dos signos da paisagem reflete todo um estudo de identificação das diversas relações, formas, funções e sentidos sociais, culturais e naturais da paisagem presente ao longo da estrada. O signo *As serras* é representado pelas serras locais, o Espinhaço, e as formas de relevo características da região. O bioma Mata Atlântica e as espécies vegetais características deste, matas ciliares e de galeria que indicam a presença de cursos d'água na paisagem representam o signo *As árvores*. Os córregos e ribeirões que cortam a estrada e os açudes construídos pelos moradores locais pertencem ao signo *A água*.

As formas de ocupação e organização do espaço urbano local representam o signo *Organização do espaço urbano* e a relação do homem com a terra materializada na paisagem, os usos que se faz da terra (antigos e atuais), as adaptações do homem ao ambiente natural e seus padrões de habitação, *Organização do espaço agrário*. O signo *Os atores* é representado pelos moradores locais que deixam, materializada na paisagem, sua religiosidade e podem ser encontrados nas fazendas, ao longo da estrada, trabalhando. E, por fim, *Os fluxos da estrada* são representados pelo tropeirismo e os atuais fluxos comerciais e turísticos da estrada.

Posteriormente, a partir dos sete signos da paisagem local, foram definidos oito pontos de observação ao longo da estrada, identificados na Figura 02 e trabalhados, detalhadamente, no tópico seguinte. A definição de tais pontos foi baseada em critérios estéticos, da beleza da paisagem ao longo da estrada, dentro da perspectiva das pesquisadoras e na possibilidade de neles identificar o maior número possível de “signos da paisagem” local.

2. A Paisagem ao Longo da Estrada Ipoema-MG – Itambé do Mato Dentro-MG: pontos de observação

O estímulo à observação é um exercício que a associação turismo e paisagem deve incentivar. A contemplação aproxima o visitante dos lugares e o torna mais sensível às expressões da cultura e do meio ambiente. Trata-se de um processo de (re)descoberta turística, no qual há assimilação da cultura e da paisagem local (GONTIJO e REGO, 2001) através de uma prática o mais integradora possível, entre paisagem, natureza, cultura, história e o viajante.

Nesse sentido, propõe-se uma viagem de Ipoema a Itambé do Mato Dentro, passando pelo distrito de Senhora do Carmo e lança-se um desafio ao viajante: o de exercitar o seu olhar para a singularidade das paisagens (Figura 02). Elas se encontram ao longo da estrada e são nelas que repousam tempos, histórias, formas e culturas.

A proposta viagem se inicia em Ipoema, distrito de Itabira, do Museu do Tropeiro, dos trovadores e dos estaladores de chicote. Assim como Itambé do Mato Dentro e Senhora do Carmo, esse distrito foi, no passado, lugar de pouso dos tropeiros, que exerceram um importante papel no transporte terrestre de cargas para todas as regiões mineradoras. Em Ipoema, em particular, as heranças deixadas pela cultura tropeira foram maiores: a localidade conta com expressivas manifestações culturais como as rodas de viola, os berranteiros, os meninos trovadores e os contadores de histórias. Muitos do grupo dos estaladores de chicote, por exemplo, foram tropeiros há algumas décadas atrás.

Pelo caminho que eles percorriam, hoje passam diariamente ônibus intermunicipais, carroças, ciclistas, caminhantes e cavaleiros, pessoas da região e diversos forasteiros, e é ao longo desta estrada, que se propõe o conhecimento de parte de cada localidade, sua cultura e história materializada na paisagem que a compõe.

Através dela é possível entender as dinâmicas econômicas passada e atual da região, baseadas no extrativismo e da agropecuária, respectivamente. Pode-se compreender, pela observação da ocorrência de determinadas espécies vegetais e de sua distribuição espacial o estado de conservação ou degradação em que as matas se encontram; os diversos usos da terra e o respeito ou o descompromisso das leis de proteção às matas pela população local.

Por seus territórios e formas de organização do espaço que se relacionam diretamente com a cultura autóctone, suas soluções de sobrevivência, suas formas de adaptação ao meio e de preservação do mesmo, conhece-se a dinâmica de vida dos habitantes locais.

3. Viagem de Ipoema a Itambé do Mato Dentro

O caminho de Ipoema para Senhora do Carmo passa, obrigatoriamente, pela praça principal desse distrito e pela Igreja Matriz, lugar onde eventualmente, todos os moradores da localidade se encontram. A rua calçada se torna estrada de terra batida assim que se passa pelas últimas casas da sede do distrito, e a paisagem, antes composta por casas, carros e diversas pessoas, passa a ser constituída por fazendas, pelo chão avermelhado e diversos tons de verde das áreas de pastagem.

Grandes macaúbas surgem de um lado e do outro do caminho, alguns metros depois do Ribeirão Aliança, que corta a estrada. Ao oeste encontra-se a Fazenda Santa Rosa, cuja sede foi construída há cerca de 50 anos – **1º ponto de observação**. Atualmente é composta apenas pelo curral e área de pasto, mas, no passado, assim como grande parte das propriedades rurais da região, era constituída por uma vasta extensão de terra que foi dividida entre vários herdeiros.

As fazendas da região possuem, em média, 100 ha cada uma. As terras partilhadas tornaram-se, por vezes, pequenas fazendas ou segundas residências, cada herdeiro atribuindo um uso específico para sua propriedade, que nem sempre correspondeu à atividade originalmente desempenhada na antiga sede. Muitos fazendeiros, além de não conservarem o que receberam, introduziram elementos profundamente modificadores no quadro original das propriedades.

Se, por um lado, há relativa heterogeneidade nas construções das sedes de fazendas em Ipoema, por outro, a presença do gado na paisagem local é uma constante. As condições do relevo – de pouca declividade – facilitam o desenvolvimento da criação de gado leiteiro, a principal atividade econômica de grande parte das propriedades rurais. A maioria delas envia o leite produzido para o laticínio em Senhora do Carmo (Laticínio Senhora do Carmo – Carmolac). Não há cooperativas na região, cada fazenda possui sua produção individual, da qual retira a sua renda diária que, em geral, é baixa.

As macaúbas encontram-se hora sozinhas em meio às grandes áreas de pastagens, hora diluídas nas matas, junto às demais árvores nativas. Essa palmeira, além de seu valor econômico (por sua produção de óleos que são destinados à indústria de sabão), produz cocos que são frequentemente consumidos *in natura* pelos moradores locais. Neste 1º ponto de observação pode-se ver, ainda, que a presença de mata mais densa próxima à área de pastagem deve-se à declividade do morro que fica ao fundo da Fazenda Santa Rosa e ao curso d'água ali existente. Esta é uma Área de Preservação Permanente (APP) que, conforme o

Código Florestal Brasileiro (BRASIL, 1965), deve situar-se ao longo dos cursos d'água e em encostas com declividade superior a 45° e ser criada com o objetivo de preservação dos recursos naturais locais.

Próximo à mata que compõe a paisagem nesse ponto da estrada está a Mata do Limoeiro, a comunidade do Macuco e a Cachoeira Alta, o mais famoso e visitado atrativo turístico de Ipoema. A Limoeiro, mata de cerca de 2000 ha e a mais expressiva porção remanescente de Mata Atlântica na região, está inserida na Área de Proteção Ambiental (APA) Ribeirão Aliança, de âmbito municipal. Assim como ocorre em diversas áreas de vegetação densa, há diversos conflitos de interesse em relação à preservação e o seu uso. O desejo de preservá-la decorre da grande perda de seu território, no passado, para as atividades extrativistas.

Prosseguindo a viagem, em alguns quilômetros passa-se pelo Rio do Tanque, que corta a estrada em dois pontos. Entre as pontes construídas sobre este rio está localizado o povoado de Duas Pontes, que pertence a Ipoema. As áreas de pastagem compostas por braquiárias – gramíneas exóticas que se adaptam bem à região, mas, que por suas características, impedem o desenvolvimento de quaisquer outras culturas – ainda estão presentes de forma expressiva na paisagem, o que leva a crer que, pela topografia e condições do solo – de baixa fertilidade natural –, a grande vocação econômica da região é a pecuária – **2º ponto de observação**.

Nesse ponto da estrada, é possível observar o cultivo de “cana roxa”, que serve de alimento para o gado quando triturada e misturada ao capim, nas proximidades de uma fazenda. Como várias outras propriedades ao longo do trecho Ipoema – Itambé do Mato Dentro, esta localiza-se em um fundo de vale. Nessas áreas, geralmente, há grande ocorrência de água pluvial, que escoar para as regiões mais baixas, e água fluvial que, freqüentemente, são armazenadas pelos fazendeiros em açudes, para melhor atender às necessidades domésticas e de abastecimento de água na propriedade.

Grandes manchas verde-escuras contrastam com o verde claro das pastagens e, nesse local, destacam-se pela sua extensão e distribuição nas propriedades. Estas áreas de vegetação mais densa além de ocupar topos de morros (APP), devem corresponder a 20% da extensão da propriedade rural, segundo a determinação do Código Florestal Brasileiro. As Reservas Legais podem ser constituídas por mata nativa ou exótica, que não pode ser retirada e deve ser utilizada sob regime de manejo florestal sustentável.

No entanto, devido a essas restrições de uso da vegetação e da área das fazendas, há diferentes conflitos de interesses na concepção das Reservas Legais. Existem casos, na região, de

proprietários rurais que não respeitam o Código Florestal, ocupando toda a extensão de sua propriedade com determinadas culturas ou pastos, conflitos de gestão que também são visíveis na paisagem.

É possível identificar espécies nativas como a quaresmeira, uma embaúba que, solitária, encontra-se em meio às braquiárias, e os bambuzais, que se distribuem em torno do açude, como uma cerca-viva. Quaresmeira e embaúba são árvores típicas de Mata Atlântica facilmente identificadas em meio às matas pelo colorido prateado das folhas desta e, aquela, por suas flores de tons que vão do roxo ao rosa.

Pequenas estradas, que dão acesso as fazendas, compõem a paisagem neste ponto. Esses itinerários são percorridos diariamente pelos moradores locais e pelos caminhões do Carmolac que, onde a estrada assim permite, buscam o leite produzido nas fazendas e o levam para o laticínio. Do lado de fora das fazendas situadas à beira das estradas principais (por onde passam os caminhões) são construídos “angicos” para acondicionar seus latões de leite e facilitar o trabalho dos leiteiros. Esses angicos compõem a paisagem da estrada variando de tamanho, material e quantidade de recipientes que suportam.

É nesse ponto de observação que a imponente cadeia do Espinhaço começa a compor a paisagem. Sua denominação local é de Serra dos Alves, cuja altitude maior ultrapassa os 1300 metros e onde se localiza um pequeno povoado de mesmo nome, pertencente à Senhora do Carmo, e muito famoso entre os visitantes da região por suas cachoeiras e belezas naturais.

O Espinhaço ocupa uma vasta superfície do Brasil e tem seu início na Serra de Ouro Branco, em Minas Gerais e se estende, na direção norte, até a Chapada Diamantina, na Bahia. Dessa forma, constitui-se em um importante elemento de referência para o entendimento da evolução geológica do Sudeste e Centro-Leste do país. Diferencia-se das demais formações do seu entorno pela sua complexidade morfológica, o que lhe confere um clima, formação vegetal, ocupação e formas de vida peculiares. Destaca-se na paisagem de Ipoema pelo desenho do seu relevo muito acidentado e dobrado, pelos afloramentos rochosos – que observados a uma grande distância são como uma grande mancha escura que recobre toda a serra – e por suas elevadas altitudes. Contrasta, dessa forma, com o relevo um pouco aplainado e os tons verde-claros seguidos das manchas das matas que predominam nesta região.

É possível observar, ainda, um pouco mais distante da Serra dos Alves, à oeste, o Morro Redondo, situado na zona rural de Ipoema. Esse planalto, que faz parte da Serra do Buiú, é

um dos principais atrativos deste distrito. Do seu alto tem-se uma visão privilegiada de Ipoema, Senhora do Carmo, Serra dos Alves, das matas e das estradas que levam às cachoeiras. Nele também estão impressas marcas da religiosidade e cultura local: lá foi erguida uma pequena capela onde, periodicamente, são realizadas missas e procissões.

A caminho de Senhora do Carmo, à medida que se percorre a estrada, mais campos, pastagens, serras, habitações e matas se revelam. As grandes áreas de pasto continuam presentes de forma expressiva na paisagem e, neste ponto – **3º ponto de observação** –, apresentam-se associadas a árvores de porte médio e tronco retorcido.

Apesar da presença dessas árvores, mais características do cerrado, a região de Ipoema, Senhora do Carmo e Itambé do Mato Dentro encontra-se inteiramente dentro do bioma Mata Atlântica, já muito devastado devido aos diversos usos econômicos, passados e atuais. Devido a essa degradação da mata, os solos da região tornaram-se quimicamente pobres e inférteis para a produção agrícola, o que justifica a opção de grande parte dos proprietários rurais locais pela pecuária.

O uso agrícola desses solos exige grande investimento na sua correção, o que faz com que vários fazendeiros plantem somente para sua subsistência, nos quintais das propriedades. No entanto, existem proprietários que, além da pecuária, investem na produção agrícola (ainda que em pequena escala, como pode ser notado neste ponto de observação, onde um proprietário começa a se preparar para o plantio em sua fazenda).

As cores que compõem o solo neste local mudam um pouco, se comparadas com as dos pontos de observação anteriores. Os tons verde-claros interceptados pelos tons mais escuros das matas ciliares e de topos de morros predominantes até esse ponto da estrada passam a ser compostos também por pequenas manchas avermelhadas dos vários cupinzeiros nas pastagens e de solos desnudos em algumas áreas de relativa declividade. A presença dos cupinzeiros indica, em geral, solos pobres em nutrientes.

Uma vegetação mais densa ocorre nos topos de morros e em locais onde, geralmente, as águas das chuvas escoam e que, portanto, possuem maior umidade. É possível notar, em meio às pastagens e vegetação nativa alguns exemplares exóticos como as *bouganvilles*, por exemplo. Essas, por possuírem grande beleza estética, são plantadas próximas às entradas e em diversos pontos dentro das propriedades e chamam a atenção pelo seu colorido vermelho, rosa ou roxo, que contrasta com o verde das demais espécies vegetais circundantes.

As estradas locais apresentam-se na paisagem como um importante itinerário de circulação de pessoas, veículos e produtos entre as fazendas e destas com as demais localidades. As sedes das propriedades rurais localizam-se, como já notado nos pontos de observação anteriores, nos fundos de vale, onde há maior abundância de água.

À medida que se aproxima do distrito de Senhora do Carmo, alcança-se maiores altitudes e mais próximo do Espinhaço se chega. A cadeia, importante divisor de águas, terras, biomas, climas e relevo, compõe a paisagem, ao fundo.

Percorrendo um pouco mais de um quilômetro depois de se passar pelo Rio do Tanque que, novamente, atravessa a estrada, chega-se ao distrito de Senhora do Carmo e, um pouco mais à frente, no **4º ponto de observação**, pode-se ter uma visão ampla de sua área urbana. Antiga rota de tropeiros, esse distrito, ao longo dos anos, assistiu a um expressivo crescimento de sua zona rural e comunidades, cuja população apresenta um percentual bastante elevado em relação à sua área urbana, o que demonstra uma realidade diferente de Ipoema e Itambé do Mato Dentro, que sofrem, atualmente, esvaziamento do campo.

Senhora do Carmo desenvolveu-se ao longo do vale do Córrego do Onça e sua malha urbana cresce de forma longitudinal, em relação aos morros. Sua paisagem urbana é composta por morros arredondados e desnudos, interceptados por pequenas manchas de vegetação mais densa, com as quais algumas residências coexistem. Um outro elemento presente na paisagem e que chama atenção é a religiosidade dos moradores locais, expressa pela igreja que se encontra em uma posição de pequeno destaque em relação às demais construções do distrito.

Sua economia baseia-se na agricultura (produção de cereais, café e cana-de-açúcar) e na pecuária de subsistência, ao contrário do que ocorre em Ipoema, que tem na pecuária sua maior fonte de renda. A atividade agrícola é facilitada, em Senhora do Carmo, pela sua topografia, constituída por mares de morros.

Avançando-se por um pouco mais de dois quilômetros e passando-se pelos córregos do Onça e da Estiva, a uma altitude de 750 metros, a paisagem ao longo da estrada, antes composta por relevos aplainados, apresenta-se como uma seqüência de morros mais arredondados – **5º ponto de observação**.

A partir da observação das cercas que delimitam as propriedades, nota-se que estas são maiores, se comparadas às vistas no caminho entre Ipoema e Senhora do Carmo. As sedes dessas fazendas localizam-se nos fundos de vales e, não raro, é possível encontrar açudes construídos pelos fazendeiros para abastecimento de suas propriedades.

Nas vastas áreas de pasto ainda encontra-se criação de gado leiteiro e de corte. Essas pastagens foram, no passado, áreas de extração de lenha para produção de carvão vegetal, que era levado para as siderúrgicas do Vale do Aço, em Minas Gerais. Esta foi, durante as primeiras décadas do século XX, uma das principais atividades econômicas dessa região que era pouco povoada e economicamente pouco desenvolvida.

Os proprietários não exerciam a atividade de forma organizada, o que fez com que grandes áreas de vegetação nativa fossem desmatadas. Assim, como pode ser observado nesse ponto da estrada, vários morros não possuem sequer uma pequena área de mata preservada em seus topos (APP). Estas, geralmente, se distribuem em lugares onde há maior escoamento de água pluvial.

Compõem a paisagem, ao fundo do relevo ondulado característico da região de Senhora do Carmo, as Serras dos Alves, dos Linhares e do Lobo, denominações locais da Cadeia do Espinhaço. Esta é constituída principalmente por quartzitos, rochas que, variando diferentemente aos agentes tectônicos e da erosão, determinaram maior complexidade estrutural e morfológica do seu relevo.

Percorrendo-se um pouco mais de um quilômetro em direção a Itambé do Mato Dentro – **6º ponto de observação** –, essas mesmas serras, apesar de localizadas num plano mais distante ao olhar, se destacam na paisagem pela sua extensão. Uma das feições mais marcantes do Espinhaço é o seu relevo protuberante e rugoso, ressaltando uma paisagem dominada por rochas nuas expostas, entremeadas pela vegetação de campos rupestres e faixas estreitas de matas densas que compõem, em geral, matas ciliares, ou ocupam faixas de solos específicos.

A vegetação do Espinhaço é, assim, singular, pois é composta por comunidades vegetais que variam segundo a topografia local, ângulo de declividade, influências microclimáticas e natureza do substrato rochoso. É composta principalmente por arbustos e ervas, refletindo condições ecológicas diferentes das demais formações vegetais regionais, indicando isolamento antigo, e sendo constituída por um endemismo específico. São, em geral, campos abertos de grande beleza paisagística, atravessados por vários riachos e rios.

Nesse ponto de observação, é possível notar a presença de mais áreas de mata distribuídas na extensão dos morros que, juntamente com as de pastagem, provocam um belo contraste com a cadeia do Espinhaço, ao fundo, marcada pelas suas rochas expostas. Espécies nativas como as quaresmeiras e embaúbas representam o bioma do qual a região faz parte. A presença de embaúbas em matas mais densas pode indicar que estas são secundárias ou estão em processo

de regeneração. Estas árvores, nativas da Mata Atlântica, são freqüentemente encontradas em matas ciliares e bordas de capões.

Nas matas que já sofreram algum tipo de impacto – seja antrópico ou natural – ao contrário das nativas, as folhas da embaúba se destacam em meio ao verde das outras árvores. Isso ocorre porque durante o processo de recomposição de uma mata degradada, a embaúba cresce mais rapidamente que as demais árvores, destacando-se na paisagem, o que não ocorreria em condições naturais (em uma mata primária, por exemplo). Nesse ponto, como em vários outros ao longo do trecho Senhora do Carmo – Itambé do Mato Dentro ocorreu uma grande intervenção antrópica na época do ciclo do carvão, em que extensas áreas foram desmatadas para produção de carvão vegetal. Da mesma forma, atualmente, a substituição de vários hectares de mata pelo cultivo de braquiária constitui um grande impacto ambiental nessas áreas.

A presença de fazendas nos fundos de vale e seus açudes são uma constante na paisagem desde o início a estrada, de Ipoema para Senhora do Carmo. Nesse ponto de observação, especificamente, elas são compostas por áreas de pastagem e de cultivo (que podem ocupar áreas próximas ou não das sedes), o que demonstra igual importância dessas duas atividades econômicas para as fazendas. Algumas cercas-vivas, utilizadas para demarcação das propriedades, começam a compor a paisagem de forma mais expressiva.

Prosseguindo a viagem, a uma pequena distância de Itambé do Mato Dentro e vários quilômetros mais próximos da escarpa da Serra do Espinhaço Meridional – **7º ponto de observação** –, o relevo de mares de morros se destaca na paisagem. Estes possuem maior ou menor inclinação nas suas vertentes côncavo-convexas e são formas resultantes da ação da erosão natural em diferentes níveis e intensidade, sendo compostos, assim, por relevos colinosos com variações de altitude entre 600 e 800 metros, que são mais propícios para atividades agrícolas.

Nesse ponto observam-se, ainda, várias estradas locais que ligam as fazendas umas às outras, áreas de mata preservada distribuídas nos topos de morros e em fundos de vales (APPs); e de pastagem nas áreas de relevo suavemente ondulado. Pode-se notar, pela paisagem, certo desrespeito dos proprietários em relação às Reservas Legais. As grandes propriedades dessa região possuem pequenas áreas de mata que não correspondem aos 20% exigidos pelo Código Florestal e que estão restringidas às Áreas de Preservação Permanente.

À apenas algumas centenas de metros do município de Itambé do Mato Dentro, a Serra da Lapa, antes observada de longe, na paisagem, surge bem à frente do observador, na estrada – **8º ponto de observação**. O ponto mais alto dessa serra local atinge 1200 metros de altitude. Seu relevo dobrado recoberto na base por remanescentes de Mata Atlântica chama a atenção, pois é possível observar mais de perto as manchas de mata para as quais se chamava atenção nos pontos anteriores. Contrasta, também, com a cobertura vegetal dos mares de morros e região de Ipoema.

Nessa Área de Preservação Permanente (APP) é possível observar quaresmeiras, que colorem de roxo alguns pontos da mata verde escura. Pela inexistência de embaúbas, pode-se pensar que essa área de mata tem sofrido pouca intervenção antrópica atualmente, uma vez que a mata é composta por candeia, espécie precursora na invasão de campos (se desenvolve rapidamente em campos abertos). No entanto, pode-se observar um limite entre a preservação dessa cobertura vegetal a presença humana na localidade, materializada no uso do solo, através de áreas de campo desmatadas, à oeste da Serra.

A candeia possui grande importância econômica em todo o estado de Minas Gerais: indústrias cosméticas dela extraem óleos essenciais que têm um preço relativamente alto no mercado. Além disso, são também produzidas como mourões pelos moradores locais.

Ao fundo da Serra da Lapa, observa-se o Pico do Itacolomy do Itambé, que também faz parte da Cadeia do Espinhaço. Com altitudes de até 1642 metros, é um dos pontos culminantes da porção leste da Serra do Cipó.

Percorrendo-se mais alguns metros da estrada, chega-se, enfim, a Itambé do Mato Dentro, município famoso por suas cachoeiras, serras e sítios arqueológicos. A etimologia do nome da cidade relaciona-se com suas características geológicas: Itambé significa pedra afiada ou rochedo potiagudo. Sua geomorfologia lhe confere diversas riquezas naturais, o que atrai grande número de turistas tanto para a sede do município quanto para seus distritos.

Por fim, é em Itambé do Mato Dentro que essa viagem se acaba e outra se inicia: a de vivência da realidade local. O primeiro desafio proposto foi o exercício do olhar, a fim de se aproximar da paisagem e, conseqüentemente, da história e modos de vida locais. Há, agora, um duplo desafio – o do olhar e o do viver a singularidade da localidade visitada, que só pode ser vencido a partir do desejo do viajante de fazer parte dessa realidade local, vivendo culturalmente o lugar com os atores locais.

4. Conclusão

Gontijo e Rego (2001), em seu trabalho, fazem uma analogia à frase de Heráclito de Éfeso (“*Tudo flui, nada permanece. Não se pode entrar duas vezes num mesmo rio*”) para explicar a ação turística: o viajante, aquele que entra no rio (a paisagem), está sempre sujeito a mudanças. E é nesse sentido que se afirma, novamente, que trabalhar a leitura da paisagem como instrumento de valorização da experiência turística envolve uma possibilidade de troca, de conhecimento a partir da incorporação do modo de vida do outro e do entendimento das relações entre lugar e comunidade local. O hábito de observar pode tornar os viajantes mais próximos dos lugares, evitando a indiferença e estimulando a percepção das expressões da cultura e do meio ambiente. O desafio maior é, portanto, fazer com que cada quilômetro da estrada seja um descortinar de uma diferente realidade para o viajante que, dessa forma, aumenta suas trocas de experiências socioculturais e de enriquecimento pessoal.

Uma vez apresentado o significado da paisagem do trecho Ipoema – Itambé do Mato Dentro é necessário dar continuidade a este trabalho, a fim de transformá-lo em um produto turístico mais informativo e contextualizado em relação à realidade cultural, histórica, ambiental e social local. Através dos signos apresentados nesta pesquisa é possível pensar uma forma de trabalhá-los em diferentes roteiros turísticos e, com base nos pontos de observação definidos, conceber diversas possibilidades de intervenções ao longo da estrada. Dessa forma, essa pesquisa se configura como o início de uma série de possíveis estudos sobre a paisagem local ao longo da estrada que liga as localidades de Ipoema, Senhora do Carmo e Itambé do Mato Dentro.

Referências

- ARVIEUX. 2001. *Journées du paysage*, Les esquirousses. 30-31p. Paris, mars.
- BRASIL. Presidência da República. *Código Florestal Brasileiro*, Lei nº 4771, de 15 de setembro de 1965. Institui o novo Código Florestal. Disponível em: <http://www.controleambiental.com.br/codigo_florestal.htm>. Acesso em 31/01/2007.
- CHIZZOTTI, Antônio. 2001. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez, 164p.
- CORREA, Roberto Lobato. 1995. *Espaço, um conceito chave em geografia*. In: CASTRO, Iná Elias de.; GOMES, Paulo César da Costa.; CORRÊA, Roberto Lobato. Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 353p.
- CORREA, Roberto Lobato. 2001. *Trajetórias geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 302p.
- GONTIJO, Bernardo Machado. REGO, Jackson Fernando. 2001. Por uma atitude turística pessoalizante. In: FARIA, Ivani Ferreira de (org). Turismo: sustentabilidade e novas territorialidades. Manaus: Edua, 1-16.

- HOLZER, W. 1992. *A geografia humanista – sua trajetória de 1950 a 1990*. Dissertação. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- ISNARD, H. 1982. *O espaço geográfico*. Coimbra: Almedina.
- LACERDA, Mariana de Oliveira; SAADI, Allaoua. 2005. *Paisagem e potencial turístico no vale do Jequitinhonha*. UFMG: Dissertação de mestrado.
- LEFÉBVRE, Henri. 1976. *Espacio y política*. Barcelona: Ediciones Península.
- LUGINBÜHL, Yves. 1996. *Le paysage aujourd'hui et son enseignement*. Armand Colin, Paris – L'information géographique.
- RODRIGUES, Adyr Balastrieri. 1999. *Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar*. São Paulo: Hucitec, 158p.
- SANTOS, Milton. 1997. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 124p.
- TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. 1995. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 175p.
- TUAN, Yi Fu. 1983. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução de Livia Oliveira. São Paulo: DIFEL.

Recebido em: 30/10/2007 (1ª versão) 05/01/2009 (2ª versão)

Aprovado em: 12/02/2009